

Celeste Maria Farias de Souza Dias

**A QUESTÃO DO OUTRO NA FILOSOFIA DE LÉVINAS: UMA
ÉTICA DA ALTERIDADE**

Monografia de Licenciatura em Filosofia

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pettersen

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia
2021

Celeste Maria Farias de Souza Dias

**A QUESTÃO DO OUTRO NA FILOSOFIA DE LÉVINAS: UMA
ÉTICA DA ALTERIDADE**

Trabalho de monografia apresentado ao Departamento de Filosofia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Pettersen

Belo Horizonte
FAJE – Faculdade de Filosofia e Teologia
2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1. LÉVINAS E A ÉTICA DA ALTERIDADE.....	6
1.1. Vida e obra	6
1.2. Bases metafísicas da Ética da alteridade	7
1.3. Estrangeiro - Órfão - Viúva.....	8
2. O ROSTO DO OUTRO ME INTERPELA.....	9
2.1. Narrativa que expressa a exterioridade do Outro.....	10
3. O QUE DEVO FAZER PELO OUTRO? -A PERGUNTA ÉTICA EM LÉVINAS .	11
3.1. Uma ética do encontro livre e responsável	12
CONCLUSÃO.....	12
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	15

RESUMO

O intuito deste trabalho é apresentar o lugar que têm alguns dos conceitos-chaves da Ética da Alteridade de Lévinas, tais como: transcendência, finito (Si-mesmo) e infinito (Outro). Juntamente com isso, se aborda a influência judaica contida nos rostos arquetípicos do estrangeiro, do órfão e da viúva, que na Ética da Alteridade se compreendem como a exterioridade do Outro. Deste modo, citamos alguns textos literários *ad hoc* para adiantar a pertinência desta Ética quando nos contextualizamos na questão dos estrangeiros migrantes hoje. Esta monografia pretende ressaltar a novidade e vigência que Lévinas teve e tem, pois, a sua pergunta Ética não suprime a tradicional filosofia ocidental do sujeito, mas vai além ao colocar seu eixo no Outro. Enfim, se trata de ao menos esboçar as consequências no encontro que, conforme a Ética da Alteridade, só pode ser livre e responsável.

ABSTRACT

La intuición de este trabajo es exponer el lugar que tienen algunos conceptos claves de la Ética de la Alteridad de Lévinas, tales como: transcendencia, finito (Si-mismo) e infinito (Otro). También, se aborda la influencia judía que está implícita en los rostros arquetípicos del extranjero, el huérfano y la viuda, estos son comprendidos como la exterioridad del Otro en la Ética de la Alteridad. De esa manera, son citados algunos textos literarios *ad hoc* a la vigencia que esta Ética tiene cuando se contextualiza en nuestro presente. Así, esta monografía resalta la novedad y pertinencia que Lévinas todavía tiene, muestra cómo su pregunta ética va más allá de la tradicional filosofía occidental porque coloca al Otro en el centro. En fin, este trabajo pretende al menos esbozar las consecuencias que un encuentro, según la Ética de la Alteridad, sólo puede ser libre y responsable.

Palavras-chave: Ética da Alteridade; Lévinas; Outro; Rosto; Estrangeiro.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas das características e conceitos-chaves da ética da alteridade em Lévinas que contribuem para a abordagem de problemáticas atuais como a migração, por exemplo. E, através deste trabalho, buscamos introduzir a Ética da Alteridade levinasiana na tentativa de respondermos a algumas questões éticas atuais que perpassam a problemática dos migrantes e estrangeiros. Tais perguntas como: “Quem é esse Outro? Como somos afetados pelo Outro? O que fazer pelo Outro?”. Nessa perspectiva, traçamos um caminho filosófico, fazendo uso da literatura de Lévinas, sem abrir mão de narrativas poéticas e reais.

Toda filosofia se compreende no seu contexto, quando falamos de Lévinas é também assim, por isso, é altamente relevante conhecermos a sua vida para entendermos a sua obra. Por conta disso, iniciamos o trabalho, narrando pontos principais da vida do autor e suas principais publicações, dando um pontapé inicial acerca da Ética da Alteridade. Ainda no mesmo capítulo, exploramos as bases metafísicas desta Filosofia, concluindo com a sensibilidade judaica de Lévinas, cujas narrativas bíblicas aludem ao rosto do Outro.

Logo após, no capítulo seguinte, já entendendo a questão metafísica do Si-mesmo e do Outro, seguimos na intenção de compreender o que e quem é esse rosto narrado por Lévinas e quais seus desafios. Assim, o rosto como exterioridade do Outro se apresenta como imagem, que enquadrada em poesia, se narra um exemplo literário que expressa a exterioridade do Outro na particularidade do migrante estrangeiro.

No capítulo terceiro e último, buscamos costurar a filosofia levinasiana com as tendências atuais que englobam aquele que, baseado na Ética da alteridade, propomos como objeto de pensamento: o estrangeiro-migrante. Apostando em dar conta da pergunta ética em Lévinas: “O que fazer pelo Outro?”, seguindo o pensamento do autor, reconhecemos que para ele, a Ética da Alteridade se caracteriza como uma ética do encontro livre e responsável, em que se reconhece ao Outro como protagonista.

Por fim, partindo para o fechamento do trabalho, nos deparamos com três relevantes conclusões, que nos direcionam a respondermos às três perguntas que propomos inicialmente.

1. LÉVINAS E A ÉTICA DA ALTERIDADE

1.1. Vida e obra¹

O trabalho de Emmanuel Lévinas (1905-1995) pode ser dividido em dois períodos. Um primeiro que teria sido marcado por dois grandes filósofos que lhe influenciaram, Husserl e Heidegger. Com eles compartilhou em Estrasburgo ao redor do ano 1927, quando ele se mudou para lá para estudar filosofia.

A presença de Husserl e Heidegger é evidente nas três primeiras publicações importantes de Lévinas: A teoria da intuição na fenomenologia de Husserl (1930), Da existência a existência (1947) e a Descoberta da existência com Husserl e Heidegger (1949).

No entanto, apesar da influência que esses filósofos exerceram sobre ele, houve um segundo momento em que Lévinas tomou uma nova direção, abandonando o caminho traçado até aí.

Assim, em um segundo período, Lévinas teria desenvolvido o marco teórico que interessa para esta monografia, a saber, a ética como a filosofia primeira. Em grandes linhas, esta proposta se considera uma mudança porque rejeita a prioridade dada pelos filósofos clássicos e contemporâneos à ontologia. Essa virada se entende como a razão pela qual a filosofia levinasiana se tornou fundamental para todos aqueles que questionam a primazia da ontologia, ou seja, para todos aqueles que relutam em que o mais importante não é a totalidade do ser e sim a alteridade, quer dizer, a primazia do outro.

Entender o trabalho de Lévinas envolve conhecer, antes do seu desenvolvimento intelectual na França, alguns marcos biográficos prévios da sua vida. Ele nasceu em 1905 em Kaunas (Lituânia) no seio de uma família judia e burguesa. Já em 1914, por causa da Primeira Guerra Mundial, toda a sua família foi forçada a emigrar para Kharkov (Ucrânia), onde experienciaram a revolução bolchevique.

Desta forma, além de toda essa convulsionada experiência vital, se pode dizer que sua vida intelectual esteve profundamente enraizada em duas grandes linhas: na consciência de um povo que sofreu a barbárie nazista e, no pensamento francês. Contudo, também teve vínculos intelectuais com a fenomenologia alemã.

Em 1931, depois de conhecer Heidegger e Husserl, ele foi nacionalizado francês. Esta mudança de nacionalidade foi o que o salvou do tratamento que outros judeus receberam no

¹ Dados biográficos citados do Obituário, The New York Times, December 27, 1995. Disponível em: <https://levinas.sdsu.edu/Obituary.htm>. Acesso em: 01 out. 2021.

campo de concentração de Hannover, onde foi mantido por volta do ano 1940. Entretanto sua família foi massacrada pelos nazistas na Lituânia. Certamente, tais fatos fazem plausível especular que Lévinas rompeu seu relacionamento com Heidegger devido à sua proximidade com o nazismo. Nessas rupturas, ele encontraria uma nova filosofia onde a alteridade do outro seria a protagonista. Assim, nos anos 50, Lévinas começou a criar uma filosofia altamente original, deixando a ontologia clássica de lado e focando na ética baseada na *outredade*.

Tal momento será o emergir da ética da alteridade, essa que analisaremos de modo fundamental, mas, contudo, também ressaltando através de trechos literários-poéticos a pertinência que, ainda hoje, esta pode ter com relação às problemáticas em torno ao Outro-migrante.

1.2. Bases metafísicas da Ética da alteridade

Nesta parte se apresentam alguns conceitos que estão na base da compressão da ética da alteridade, esses configuram uma espécie de alicerce metafísico construído por Lévinas no desenvolvimento das relações e diferenças do Si-mesmo e do Outro.

Primeiramente, se refere à “transcendência”, questão que se coloca em torno ao desejo metafísico apresentado em Totalidade e Infinito. Para Lévinas, entende-se a transcendência como a ocorrência da ideia do infinito dentro de um sujeito finito (LÉVINAS, 1980, p. 37) *a posteriori* da relação com o Outro. Esta questão constitui uma problemática com a que Lévinas se depara quando no Si-Mesmo irrompe a alteridade do Outro.

Desta forma, se apresenta em segundo lugar a relação e diferença entre -o Conhecido e o cognoscente-. Há aqui uma exigência lógica que sua ética deve manter, pois se trata da relação entre o ser do Conhecido (infinito-ideia) e do *cognoscente* (finito), onde, sem renunciar ao laço da relação com o Conhecido, o ser *cognoscente* permanece separado deste na irrupção do Outro.

Sendo assim, esta conceitualização prévia situa o lugar do Si-mesmo e do Outro, estabelecendo, em grandes linhas, a analogia da totalidade com o Si-mesmo e o Infinito com o Outro. Por isso, para Lévinas a ideia do infinito foi definida como a recepção do Outro para além da capacidade do Eu finito e limitado (LÉVINAS, 1980, p. 38).

Em consequência, a novidade trazida por Lévinas nesta filosofia primeira, deve ser pensada [metafisicamente] como uma ruptura do Si-Mesmo com a sua própria totalidade auto imposta pelas anteriores filosofias ontológicas. Somente nesta ruptura é que se estabelece a alteridade, na ocorrência da relação com o Outro, isto chama-se ética. Dito nas palavras do Lévinas: “Propomos que se chame religião ao laço que se estabelece entre o Mesmo e o Outro,

sem constituir uma totalidade. [...] O outro conserva sua transcendência na história, (e assim) se liberta da força da filosofia da imanência” (LÉVINAS, 1980, p.28).

Enfim, a metafísica da ética da Alteridade trata sobre a ruptura com a totalidade. O Eu e o Outro já não são indivíduos de um conceito comum e, na sua ética, a alteridade adquire soberania quando o Outro é tido por outrem, pois, afinal, tudo isto acontece quando o pensamento se encontra em face desse Outro, refratário a qualquer categoria do si Mesmo, e, portanto, não se tratando de uma simples operação do pensamento (LÉVINAS, 1980, p.27) senão de uma constante e originária interpelação do Outro ao Si-mesmo do Eu nesta ruptura com qualquer tipo de totalidade.

1.3. Estrangeiro - Órfão - Viúva

A Ideia da Irrupção do Outro no Si-mesmo é o fundamento metafísico de uma ética que identificamos como da alteridade. Entretanto, essa alteridade supõe uma noção de exterioridade ou rosto do outro ao que se refere esta parte da monografia. Tal questão, herdeira de uma sensibilidade judaica de Lévinas, será relevante para as consequências atuais que se terá a respeito, por exemplo, do migrante ou estrangeiro.

Como foi dito acima, o discurso ético de Lévinas torna-se compreensível à luz da sensibilidade judaica, já que a inscrição ético-teológica se manifesta na iniciativa livre do Outro (“vestígio de Deus”), o qual se anuncia como tal no rosto do outro homem que diz de maneira imperativa: “cuida de mim!” Daí que se considerem como rostos do Outro: o estrangeiro, porque ele, assim como o povo de Israel no Egito, onde se encontra sob a tutela autoritária de outro senhor (o faraó, ou o rei) ou no exílio na Mesopotâmia; o órfão porque não tem pai e mãe que o protejam; a viúva, porque está sem proteção do marido.

Na sensibilidade judaica de Lévinas atrela a experiência do Deus/YWHW quem assume o papel do (seu) rei, do (seu) marido, do (seu) pai, porque é o rochedo da confiança última de quem quer que seja na tradição judaica, e, na ética da alteridade, é no outro que há um vestígio divino.

Finalmente, se pode dizer que é no Outro e na ideia do infinito, que se faz carne a exterioridade do rosto do Outro, fazem parte das condições de possibilidade para uma ética da alteridade que se inspira, além da filosofia ocidental clássica, em categorias de tradição judaica. Neste sentido, é importante esclarecer que a ideia do infinito é uma intuição simples, porque, teoricamente, o ‘sem fim’ trazido pelo Outro contém uma contradição em si mesma, trata-se da ideia do infinito e, portanto, também de um conceito, limitado por sua própria e finita definição.

Sendo assim, esta intuição simples do infinito, quando pensada a partir da carne ou exterioridade do Outro, encontra um lugar dentro dos limites da razão. Quer dizer que, na exterioridade, o Outro permanece como tal, indefinível e inapreensível pelo Eu-sujeito, no entanto, a ideia do infinito e o desejo metafísico, faz com que na epifania do Outro seja libertado da totalidade do Si-mesmo. Instituído um imperativo ético a partir deste Outro: não me escravize, não me mate.

2. O ROSTO DO OUTRO ME INTERPELA

A ética da alteridade se compreende desde a base metafísica expressa acima, porém há também uma sensibilidade judaica que outorga a esse Outro uma exterioridade que Lévinas chama de “rostos”. Por este motivo vale a pena dedicar esta parte a esta categoria que faz real e concreto qualquer pensamento acerca da alteridade, porque é pelo rosto há encontro, exterioridade do Outro e, a conseqüente interpelação ética.

Na aproximação ética de Lévinas, já na obra *Totalidade e Infinito*, o rosto se apresenta como uma paradoxal possibilidade de conhecimento ético do Outro. Este, quando se apresenta na exterioridade do rosto ao Eu-sujeito ou Si-mesmo, ocorre um encontro de ‘olhares’, os que começam a se conhecer sem serem reduzidos a uno nem tirados da sua alteridade e identidades próprias. Neste sentido, no rosto se conhece através do modo como o Outro se apresenta, de maneira paradoxal e transcendente (LÉVINAS, 1980, p. 37).

Assim, no rosto exposto ao Si-mesmo acontece uma {r}evelação, que em Lévinas quase há de escrever-se com maiúscula, já que é no encontro que ocorre isso que tinha sido exposto no primeiro capítulo como “desejo de infinito”. Aliás, ele até chegou a falar de epifania do rosto.

Fazendo uma releitura compreensiva e própria da seção III de *Totalidade e Infinito*, ressalta particularmente a parte B sobre rosto e ética:

O rosto recusa-se à posse, aos meus poderes. Na sua epifania, na expressão, o sensível ainda captável transmuda-se em resistência total à apreensão[...]. A expressão que o rosto introduz no mundo não desafia a fraqueza dos meus poderes, mas o meu poder de poder. O rosto, ainda coisa entre as coisas, atravessa a forma que, entretanto, o delimita. [...] o rosto fala-me e convida-me assim a uma relação sem paralelo com um poder que se exerce, quer seja fruição quer seja conhecimento. (LÉVINAS, 1980, P. 176)

Por fim, a respeito desta categoria de rosto, parece constatar-se a sua relevância para a Ética da Alteridade. Em palavras próprias para a elaboração deste texto, se reconhece novamente a contribuição e a novidade da proposta de Lévinas, já que, nesta exterioridade do Outro (o rosto), é clara a mudança de eixo na filosofia, de um clássico herdeiro da fenomenologia do Espírito para uma do rosto, que só surge da alteridade que vem ao encontro do Si-mesmo e que o interpela eticamente nesta proposta de filosofia primeira de Lévinas.

2.1. Narrativa que expressa a exterioridade do Outro

Com relação à exterioridade do Outro no rosto, acena-se a imagem literária da particular situação do estrangeiro ou migrante. Quando acontece o encontro da totalidade do Si-mesmo com o infinito no rosto do Outro, se percebe a gravidade ou densidade existencial e reflexiva com que a ética da alteridade pode contribuir ainda hoje. Desta maneira, a categoria do estrangeiro nos aproxima ao rosto do migrante, um ser tão desvencilhado de um trato humano quanto pode ter sido o caso do observado por Lévinas nos campos de concentração de ontem.

Segue abaixo, um quadro de uma verossimilhança, como diria Aristóteles, entonadas em vozes de súplicas em poesia, de migrantes tentando adentrar a uma fronteira desconhecida, através do *Tren de la Bestia* (México).

señor quiero preguntarte ¿si lo que he vivido significa algo?
-un hombre mutilado
-mujeres violadas
¿en qué momento la masacre se convirtió en una aburrida noticia para la gente?
señor, déjame ir contigo y cruzar las fronteras del mundo.
señor aun no tengo mi visa, ni pasaporte.
señor llévame contigo al cielo, soy un migrante, no me cobres cuota.
señor, ayúdame.
nuestro camino es una cacería sangrienta.
nuestra sangre cubre las tierras mexicanas.
nuestro destino, un secuestro y dolor para nuestras familias.
(...)
señor, llévame en un tren rumbo al cielo y no me preguntes si tengo visa, no me asaltes, no me golpees solo eso te pido.

(Una canción, de Ernesto y Vicente, 20--)²

O poema narrado acima expressa a exterioridade do rosto em uma imagem própria da atual problemática que atinge os estrangeiros e migrantes. No texto aparece uma solicitação de ajuda, se trata do Outro interpelando ao Si-mesmo, do rosto do estrangeiro se encontrando com

² Poema de migrantes antes de passar a fronteira. In: IberoAmérica Social Online. Disponível em: <https://iberoamericasocial.com/poemas-antes-de-passar-a-fronteira/>. Acesso em: 23 set. 2021.

quem não é estrangeiro, na tentativa de ser acolhido e, que, diante do chamado ético, o infinito é conhecido e abisma a totalidade do cognoscente com um apelo à responsabilidade ética.

Finalmente, além da questão contextual do migrante, a categoria do rosto nos leva a pensar a ética da alteridade de um modo teórico e concreto. Portanto, no seguinte capítulo serão apresentadas as consequências propriamente éticas, Lévinas nos convida a refletir desde este Outro que, a partir do seu rosto, volta a interpelar ao Si-mesmo: não me mates, não me escravize.

3. O QUE DEVO FAZER PELO OUTRO? -A PERGUNTA ÉTICA EM LÉVINAS

Na modernidade a ética se desenvolveu à luz da subjetividade, o cogito prevaleceu como paradigma de pensamento neste momento da filosofia ocidental e, em Kant, expressou essa racionalidade moderna com imperativos categóricos que se debruçaram da pergunta da ética ontológica -O que devo fazer? Desta forma, já dentro da filosofia contemporânea, ressalta-se que a ética da alteridade de Lévinas descentra a pergunta ética do cogito para, desta vez, fazê-la a partir da categoria do Outro.

O que devo fazer ético ou moral, próprio da tradição ética ontológica e cujo maior expoente tinha sido o Kant, com Lévinas começou a questionar-se desde o seio do entramado metafísico, colocando a alteridade como o eixo da ética enquanto filosofia primeira. Neste sentido, não é em vão ressaltar essa passagem da ética do Eu para a do Outro, devido que para Lévinas, o Outro se apresenta como uma categoria ou prisma que caracteriza sua ética da alteridade.

Por fim, acha-se pertinente acenar esta ruptura, já que essa é a novidade que a Ética da alteridade trouxe à filosofia contemporânea. Ao introduzir ao Outro como aquele que vem ao encontro do Eu, de maneira inapreensível, indizível e solícita, suscita uma resposta para além da essência, se trata de uma responsabilidade originária, que ao despontar do rosto de outro, Lévinas não suprime, porém questiona de outra forma o ser das preocupações éticas da ontologia clássica: o sentido racional das ideias transcendentais, a razão prática e os fundamentos do agir moral, o agir moral como dever, formalismos como a autonomia, a liberdade, a lei moral, a dignidade da pessoa humana e o ideal de bem supremo; todos eles, na ética da alteridade são reinterpretados desde a nova perspectiva que se proclama como a filosofia primeira.

3.1. Uma ética do encontro livre e responsável

A ética do encontro é uma outra maneira de nomear a Ética da Alteridade, nesta parte, se acrescentam duas simples, porém relevantes, características que configuram a Ética da Alteridade de Lévinas: a liberdade e a responsabilidade. Como foi expresso no primeiro capítulo, o fundamento metafísico já falava explicitamente de encontro entre o Outro e o Si-mesmo, o qual, ao ser manifestado (epifanicamente) no rosto, leva a pensar a Ética como filosofia primeira e com estas determinadas características.

Para Lévinas, em *Totalidade e Infinito* (p.71-76), a liberdade consiste na investidura da existência, e filosofar sobre a liberdade é descobrir que essa investidura liberta a liberdade do arbitrário, é uma condição que coloca em contato com o originário do ser. Quando a liberdade é afirmada esta se questiona a si mesma, para Lévinas, o saber, cuja essência é crítica, não pode reduzir-se ao conhecimento objetivo, necessariamente conduz para o Outro, e, acolher o Outro, é também colocar a minha liberdade em questão, até a substituição da minha própria vida pela do Outro.

Ademais, em Lévinas, a responsabilidade para com o Outro se trata de uma característica última e conclusiva de toda uma visão ética que se lê no final de *Totalidade e Infinito*, assim como também em obras posteriores.

Desta forma fica tudo concatenado, já que a liberdade se torna uma condição de possibilidade para a responsabilidade. O rosto do Outro nos faz voltar para o além do desejo do infinito, esse nunca me totalizará nem acabará com a liberdade, no entanto, paradoxalmente irá fazer ao Si-mesmo suscetível na frente do Outro. Contudo, como foi lembrado no capítulo acerca da categoria de rosto, este será relevante no desenvolvimento ético posterior à *Totalidade e Infinito*, a exterioridade do Ser, manifestado (epifania) na carne do Outro, se compreende na passagem da intencionalidade e sensibilidade, para a substituição e responsabilidade do Eu para com o Tu (LÉVINAS, 1980, p. 176).

CONCLUSÃO

Uma primeira conclusão que se poderia citar neste trabalho, é que a questão do Outro na filosofia de Lévinas trata-se de uma elaboração teórica que faz uma mudança no eixo reflexivo contemporâneo. No pensamento do autor, a pergunta ética herdeira da subjetividade do Cogito faz a passagem para um apelo ético que se fundamenta no Outro. Esta ética como

filosofia primeira, pode caracterizar-se como rupturista e preocupada com a realidade do Outro. Assim, embora com sólidos fundamentos metafísicos, há uma visão filosófica que se compromete com as consequências éticas da liberdade e das responsabilidades envolvidas nas relações e nos encontros que ocorrem na exterioridade do Outro, em seu rosto.

Em segundo lugar, conclui-se que, para além do pensamento filosófico ocidental tradicional, a sensibilidade judaica de Lévinas foi relevante na construção da ética da alteridade. Esta deu ao Outro uma exterioridade através do rosto que, primeiramente, teria sido trazido da literatura bíblica: o órfão, a viúva e o estrangeiro. Junto com isso, aproveitamos para acenar a possível influência que o texto “A estrela da redenção” de Franz Rosenzweig teria tido (como alguma vez o próprio Lévinas reconheceu).

Finalmente, uma terceira e última conclusão deste trabalho, seria que a Ética da Alteridade tem muito a contribuir na atual situação dos estrangeiros migrantes. Em uma entrevista da Unisinos Online³, o professor Gustavo de Lima Pereira (esperto na figura do estrangeiro) afirmou que há uma proximidade da categoria levinasiana do Outro com a da hospitalidade radical de Derrida. Consideramos esta sincronia pertinente, visto que, ambas nos introduzem nas consequências atuais da Ética da Alteridade, particularmente porque estariam atreladas na categoria do estrangeiro ou migrante, dessa forma, conclui-se que a Ética da Alteridade, ainda hoje, pode contribuir na geração de políticas globais baseadas na responsabilidade com os diversos rostos que há na migração.

O Outro é o protagonista na Ética da Alteridade, e, o estrangeiro é para Lévinas um rosto desse Outro-Infinito que interpela a totalidade do Si-mesmo. Sendo assim, com temor e tremor, ficamos animados em colocar a problemática da migração como uma consequência que, mesmo não sendo trabalhada a fundo por Lévinas, tem tudo a ver com a filosofia da alteridade apresentada nesta monografia. Hoje, por exemplo, há fluxos⁴ migratórios de diversas índoles e a categoria de estrangeiro poderia ser repensada a partir desse Outro levinasiano.

Com relação a isto, é perceptível que a questão do estrangeiro já se tornou parte da responsabilidade de muitos países ao redor do mundo, por exemplo, alguns já incluíram nos seus Censos dados como: PAÍS DE NASCIMENTO, CIDADANIA, ANO DE CHEGADA⁵. Essas informações mostram como os países, embora relutantes, paulatinamente, estão incorporando na prática categorias próprias da Ética da Alteridade, tais como: hospitalidade,

3 Publicado em Unisinos Online. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/6734-o-inimigo-e-o-ladrao-na-figura-do-estrangeiro>. Acesso em: 28 set. 2021.

4 Dados do fluxo migratório. In: [migrationdataportal.org](https://www.migrationdataportal.org/sites/default/files/styles/embedded_845/public/2018-02/VIZ%205.JPG?itok=jrJ1T4If). Disponível em: https://www.migrationdataportal.org/sites/default/files/styles/embedded_845/public/2018-02/VIZ%205.JPG?itok=jrJ1T4If. Acesso em: 06 out. 2021.

5 Dados do censo. In: [migrationdataportal.org](http://www.migrationdataportal.org/sites/default/files/2017-12/Census%20data.PNG). Disponível em: <http://www.migrationdataportal.org/sites/default/files/2017-12/Census%20data.PNG>. Acesso em: 06 out. 2021.

acolhida e responsabilidade. Apenas o fato de incorporar perguntas que acolhem a situação do migrante, já promove o que Lévinas desenvolve na Ética da Alteridade, pois, é a inclusão do rosto do estrangeiro nas ruas que, ao se encontrar e se relacionar, interpelam com seus rostos, tanto aos cidadãos quanto às instituições que os representam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEVINAS, Emmanuel. *La huella del Otro*. Colombia: Taurus, 1998.

_____. *Entre nós: ensaios sobre alteridade*. Trad. Pergentino Stefano Pivatto (coord.). 3. Ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. *Ética e Infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: 70, 1988.

_____. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: 70, 1980.

_____. Um Dieu homme? In: *Entre nous. Essais sur le penser-à l'autre*. Grasset, Paris 1991, p. 64-71. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Trad.: Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis: Vozes, 1997.